

Cresce total de casos de trombose após cirurgia

Instituto de Traumatologia faz campanha para prevenir coágulos em pacientes

Clarissa Thomé / RIO

A dona de casa Elisabeth Miranda Dias, de 89 anos, passa um pano de chão no banheiro, quando escorregou. Foi o tombo de número 26. Elisabeth é do tipo organizada e anota tudo: já havia caído na rua, no jardim, na sala de visitas, enumerando. Desta vez, o fêmur direito ficou em formato de T. Viúva e sem filhos, estava sozinha em casa. “Nunca gritei tanto. Era muita dor. Gritei até os vizinhos ouvirem e me socorrerem.”

A queda aconteceu em abril, mas Elisabeth continua internada. A causa é uma trombose, entupimento em uma das veias. Quando há o agravamento da trombose, o coágulo que se forma pode se soltar e seguir até o pulmão, provocando uma embolia pulmonar e até a morte.

Elisabeth foi operada no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into), referência em cirurgias ortopédicas de alta complexidade. Em 2013, a trombose acometeu uma em cada 100 pessoas operadas no hospital. Naquele ano, houve 9.729 cirurgias. Em 2014, veio o alerta: mesmo com a redução de 40% das operações por causa de

uma greve que durou cinco meses, 2 em cada 100 pessoas tiveram trombose.

O aumento dos casos de coágulos pós-cirúrgicos levou o Into a lançar uma campanha para evitar o problema. “Aparece uma vermelhidão, a perna incha e esse inchaço dificulta a recuperação do paciente, retarda a mobilidade e aumenta o tempo de internação. Existem medidas que podem evitar esse quadro”, afirma o diretor-geral do Into, João Mathus Guimarães.

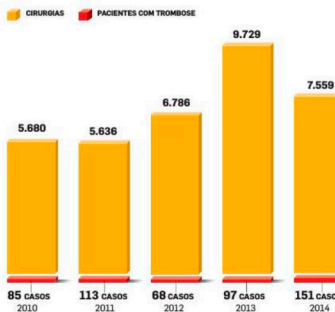
Após a cirurgia, os pacientes recebem medicamentos anticoagulantes, que devem ser tomados entre 15 e 35 dias, dependendo do tipo de cirurgia. Muitos acabam abandonando o tratamento, que consiste em injeções subcutâneas diárias.

Guimarães também recomenda fisioterapia precoce. “O paciente tem de ser estimulado a se mexer. Ficar acamado aumenta o risco de trombose”. Na cartilha que está sendo distribuída para as 10 mil pessoas que passam pelo Into diariamente, há dicas de movimentos simples, como mexer os pés para cima e para baixo por 20 vezes ou pressionar a coxa contra a cama, contar até seis, relaxar e repetir dez vezes. Também sugere ingerir dois litros de água por dia.

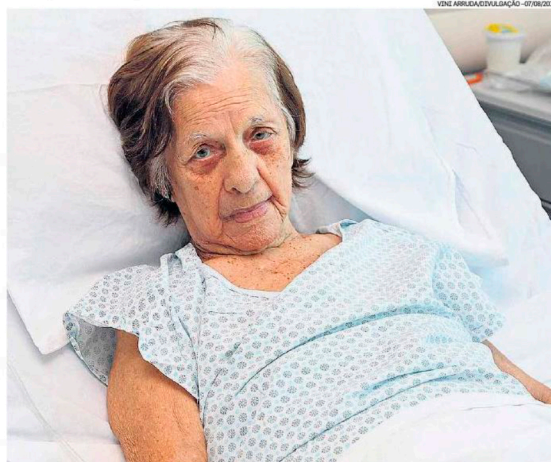
A trombose após as cirurgias acontece porque, no momento em que o paciente tem tecidos como pele e músculos cortados durante a operação, o organis-

RECUPERAÇÃO

● O aumento dos casos de coágulos pós-cirúrgicos levou o Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into) a lançar uma campanha para evitar o problema



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE TRAUMATOLOGIA E ORTOPEDIA (INTO)



Quedas. Elisabeth: ‘Ando ralhando com Jesus. O que é que eu fiz para merecer isso?’

mo interpreta que está sofrendo uma agressão e libera substâncias na corrente sanguínea para coagular uma suposta he-

morragia. Como não está ocorrendo nenhum sangramento descontrolado, a reação acaba provocando coágulos.

Algumas cirurgias têm maior risco de provocar esses entupimentos nas veias. No caso de lesão medular, varia entre 60%

Espera

Pacientes na fila de espera

13 mil

Novos pacientes por ano

8 mil

Tempo médio de espera

Quadril e joelho 2 anos

Coluna 2,5 anos

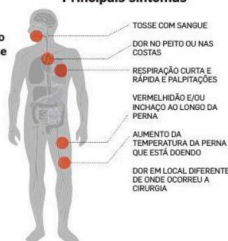
Mão 3 meses

Risco

Cirurgias em que o paciente tem maior risco de desenvolver trombose

- Ortopédicas (coluna, quadril, joelho)
- Ginecológicas
- Oncológicas
- Abdominais

Principais sintomas



e 80% dos casos; politraumatizados têm 40% de chance de sofrerem trombose pós-cirúrgica. “A literatura médica mostra que neurocirurgias e cirurgias ginecológicas estão entre as que mais têm risco de trombose. Essas recomendações valem para todas as cirurgias”, afirma Guimarães.

Os pacientes devem ficar atentos a sinais como uma dor diferente da dor da cirurgia, vermelhidão e inchaço que aparecem nas pernas (trombose periférica) ou nas coxas (trombose proximal). A temperatura também aumenta na perna que está doendo. Respiração curta e rápida e palpitações, que podem levar a desmaios, tosse com sangue e dor incomum no peito ou nas costas são sinais de que a situação se agravou.

Quedas. No Into, 65% das cirurgias de fraturas são provocadas por quedas. Dessas, 55% ocorrem dentro de casa — é o caso de Elisabeth. Ela está satisfeita porque o inchaço na perna direita diminuiu, mas se queixa da internação prolongada, das dores. “Chorei hoje. Tinha de fazer ginástica, a moça queria que eu levantasse a perna. Ando ralhando com Jesus. O que é que eu fiz para merecer isso?”

INFOGRAFIA: ESTADÃO

VINCE ARRUDA/ESTADÃO